



## Entre política e estética: ocupações urbanas e arte contemporânea

MARCHETTI, Marcos; [marcosmarchetti@usp.br](mailto:marcosmarchetti@usp.br); IAU-USP

### 1 Introdução

No início da pesquisa, tínhamos a obra do artista brasileiro Nelson Leirner como ponto de partida para entendermos como os discursos presentes na cidade eram trazidos para o campo das artes, e como este trânsito poderia ser caracterizado nos dias atuais. As relações entre arte e cidade, experimentadas por Leirner em sua trajetória, nunca deixaram de ser nosso interesse, mas o objeto de pesquisa, logo no início, foi ampliado para um grupo maior de propostas de outros artistas. Entendemos, portanto, que a obra de Leirner oferecia uma oportunidade de entender alguns dos primeiros sinais de tendências que, posteriormente, apresentam posturas mais contundentes em propostas de outros artistas, principalmente em relação às respostas dadas às mais recentes transformações nos modos de produção, sociedade e cultura. Na nossa pesquisa, experimentamos ir além da autonomia da arte em que Leirner trabalha, procurando entender momentos de aproximação e distanciamento entre a arte e a funcionalidade do design da arquitetura. Ampliamos então o objeto de pesquisa inicial para outras propostas de artistas diferentes. Ao mesmo tempo, consideramos as formas de se apropriar dos discursos da cidade como um dos principais pontos de ligação entre a obra de Leirner e as propostas que selecionamos neste momento.

### 2 Objetivos

Entendemos que os espaços urbanos são resultantes dos mais variados discursos que se sobrepõem neste contexto. Apropriar-se da cidade e de seus espaços, neste sentido, poderia ser sinônimo de se apropriar dos discursos que atualmente confluem na sua produção. Assumir como objeto de estudo análises de outras propostas artísticas nos pareceu mais propício, portanto, quando buscávamos observar a amplitude das respostas dadas à atual complexidade tanto destes discursos, quanto das maneiras que artistas, designers e arquitetos têm se apropriado deles.

A nossa hipótese, a partir desta ampliação do objeto inicial, é que a análise dos trabalhos mais icônicos dos artistas/coletivo que selecionamos, pudesse oferecer respostas plausíveis, inicialmente, quando vistas dentro das principais vertentes da arte contemporânea, que se encontram já teorizadas no momento atual: a arte como crítica ao design, estética relacional e arte/ativismo e apropriação do espaço urbano.

Uma primeira evidência que checamos a partir desta análise da bibliografia selecionada para o entendimento do nosso conjunto de propostas, é que estas práticas apresentam

ambiguidades: às vezes, dialogando a partir (do circuito) da arte, outras vezes propondo ações políticas, e até, inclusive, operando como serviço social e de produção da cidade (*place making*). Percebemos nestas ambiguidades uma questão importante para o desenvolvimento da nossa pesquisa, quando entendidas como rompimento de barreiras, que sinalizam para a construção de novos modos e critérios para a leitura destas propostas, simultaneamente dentro e fora da arte.

### 3 Abordagem da pesquisa

Se pensarmos nos termos de Rancière (*A partilha do sensível*, 2005), entre política e polícia, poderíamos contextualizar as vertentes da arte contemporânea analisadas como se tratando exclusivamente da emergência de novas questões estéticas e demandas sociais. No momento posterior, onde já existem ações demandadas também pela economia criativa, estas práticas, a contrapelo ou não, são direcionadas para a polícia. Neste segundo momento muitas destas práticas começam a ser endereçadas à política e não mais à polícia, e os trabalhos correm o risco de caírem sob os domínios da polícia e não da política. O que era política vira polícia para a gestão das pessoas, para a produção das cidades (*place making*), ou, nos termos de Deutsche (1996), de uma arte *user friendly*. A questão que se coloca é a permanência do potencial crítico da arte perante essa situação.

Boa parte deste potencial crítico das práticas artísticas vem da abertura de sentidos que ela promove, colocando em cheque hábitos e visões já naturalizadas. Frente a este novo cenário, a dúvida que colocamos perante estes trabalhos é: se a abertura destas práticas urbanas em relação ao seu público (abertura que parece ser o signo dessa ambiguidade) se apresenta como uma interrogação ou apenas como a indeterminação e a falta de critérios promovida por um desenvolvimento de trabalhos por projetos (como editais, trabalhos *on demand*, por exemplo).

Dentro do *framing* de eventos patrocinados sob o signo da economia criativa, por exemplo, a abertura de significados proposta por estes trabalhos pode muitas vezes parecer se revelar mais apaziguadora das contradições existentes, do que um levantamento destas. Tendo esta dúvida levantada pelos autores sobre estas propostas, investigamos o embate entre potencial crítico, e seu apaziguamento, servindo como pura experiência estética.

Nesta revisão dos trabalhos selecionados, procuramos desenvolver nosso entendimento sobre as questões levantadas por eles, (política ou polícia), tomando como ponto de partida a eleição de um conjunto de trabalhos significativos para entendermos a trajetória de seus autores e as possibilidades de leituras que eles abrem. Depois, recolocamos as questões mais amplas, expostas acima, a partir da análise detalhada de trabalhos específicos, para aprofundarmos estas questões num escopo muito mais amplo.

Nas leituras das práticas críticas selecionadas, percebemos aberturas para dimensões distintas, indo do puro deleite estético, até a preocupação com a produção da cidade ou novas formas de engajamento político cultural, individual ou político. Desta forma, procuramos na leitura de cada trabalho, desdobrar desde a sua presença até a interação com estes, onde as múltiplas dimensões implícitas nestes trabalhos tencionam o campo institucionalizado da arte, se não da arquitetura, do design, etc.

### 4 Resultados e discussões

Nas leituras destes trabalhos, percebemos aberturas para dimensões distintas, indo do puro deleite estético, até a preocupação com a produção da cidade ou novas formas de engajamento político cultural, individual ou político. Desta forma, procuramos na

leitura de cada trabalho, desdobrar desde a sua presença até a interação com estes, onde as múltiplas dimensões implícitas nestes trabalhos tencionam o campo institucionalizado da arte, se não da arquitetura, do design, etc.

Assim, a leitura dos trabalhos de Cirugeda aponta para questões implícitas neles tais como: os novos vínculos entre cultura e política, o descrédito das estruturas políticas tradicionais vigentes e a emergência de novas formas de articulação dos novos movimentos sociais. No caso de Acconci, suas propostas conduziam a discussão de dimensões como a nova inserção da cultura na produção material e a reconfiguração das formas de produção. Já os trabalhos do coletivo BijaRi apresentaram a oportunidade de discutir a relação existente hoje entre alta cultura e indústria cultural, pensando a questão da marca e do marketing, ou ainda a conexão que existiria entre ativismo cultural urbano e o trabalho com o branding de marcas. Por último, o caso de Faustino abre a oportunidade de discutir sobre a apropriação dessas práticas urbanas críticas por empresariamento de eventos culturais.

Este cenário de contraposições é também resultado do contexto de fenômenos contemporâneos tais como da economia criativa, (para citar um exemplo) que acaba emoldurando, enquadrando (*framing*) o significado de muitos dos trabalhos artísticos que abordam as mesmas problemáticas nos dias atuais. Então, para aprofundar esta questão, procuramos ler cada um destes trabalhos selecionados, buscando entender se esta potencialidade das aberturas (existentes na arte) pode resistir a estes novos enquadramentos, revelando esta abertura transmutando-se simplesmente em variedade, diversidade, ambiguidade e mesmo indeterminação, importando mais o envolvimento inédito do público no evento.

Estas potenciais aberturas acabam sendo enquadradas por contextos específicos, que começam a surgir dentro do cenário atual. No texto “A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo” (2006), Frederick Jameson comenta os impactos destas mudanças ocorridas recentemente nas formas de produção material, científica, artística e cultural, e que vêm sendo associadas ao que tem sido chamado de indústrias criativas, economias criativas e até cidades criativas. Se durante o Modernismo a coerência interna da obra de arte era importante, no momento atual esta coerência é posta em questão, o que traz a possibilidade de os trabalhos artísticos serem mais flexíveis e conseqüentemente adaptáveis a diferentes situações.

Neste sentido, ações de mercado associam-se às marcas cujos significados e valores são atribuídos graças à associação com a arte e a cultura. Tanto que, como nos lembra Naomi Klein no texto “Sem Logo: A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido” (2006), existem esforços para facilitar a apropriação da flexibilidade da produção pelo mercado. As marcas, que anteriormente eram direta e coerentemente ligadas com seus produtos, hoje se preocupam mais em criar uma associação de imagens para construir a marca. Neste momento, a cultura se torna um elemento essencial para a atual produção material. Com a consolidação da marca através de ações de *marketing*, independentemente do produto a ser comercializado. A Coca-cola não vende só refrigerantes: hoje vende roupas, acessórios, objetos, assim como experiências. Quando não as duas coisas juntas.

As propostas analisadas nos proporcionam, portanto, cada um com suas peculiaridades, uma visão mais ampla do contexto cultural em que atuam recentemente, quando consideradas receptáculos de anseios das pessoas que são reunidas em torno delas, assim como possíveis divisões de mundo. Nesta complexidade de relações, nos interessou tornar claras as tensões que estas propostas acabam gerando na sociedade, na cultura e nas formas de produção.

Atuando entre a política e a polícia, como na concepção de Rancière (2005), as propostas analisadas nos conduzem a um questionamento sobre como são permitidas não apenas as ambiguidades inerentes a cada trabalho, mas também a ambiguidade que é a sua própria existência no contexto histórico atual. Tendo em mente o livro “Elogio à intolerância” (2007), de Slavoj Žižek, a diversidade existente nas propostas de Cirugeda, Acconci, Faustino e do coletivo Bijari (seja entre elas, ou dentro de cada trajetória) parece uma forma de engessar potencialidades que a arte poderia apresentar em termos de *place making*. Tudo é permitido dentro desta diversidade, menos que a estrutura econômica seja abalada.

Nas trajetórias de Cirugeda, Acconci, Faustino e no coletivo Bijari, vemos que, ainda que todos se articulam com as principais questões da arte contemporânea, existem diferenciações em seus processos, assim como no resultado destas propostas. A mais evidente delas talvez seja o fato de termos, neste conjunto, exemplos de propostas que ora estão atuando como forma de estetizar a política, ora como forma de politizar a estética.

Verificamos que o potencial crítico das propostas analisadas se apresenta em um momento de impasse, existindo entre formas de produzir a cidade e experimentações estéticas. Assim, se estas práticas atuais que analisamos já foram praticamente institucionalizadas, já seria possível considerarmos uma nova crítica institucional dentro deste novo contexto?

## 5 Referências

- BISHOP, Claire. Antagonism and Relational Aesthetics. October 110, October Magazine Ltd. and Massachusetts Institute of Technology, 2004. Pp. 51-79.
- \_\_\_\_\_ (ed.). Participation. (Documents of contemporary art). Londres: Whitechapel; Cambridge: MIT Press, 2006.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc, CHIAPELLO, Ève. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DEUTSCHE, Rosalyn. Evictions: art and spatial politics. Cambridge: MIT Press, 1996.
- FOSTER, Hal. Design and Crime (and other diatribes), Londres: Verso, 2002.
- \_\_\_\_\_. O Retorno do real. São Paulo: Cosac & Naif, 1996.
- HARVEY, David. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.
- \_\_\_\_\_. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.
- JAMESON, Fredric. A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- KWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity. Nova Iorque: October 80, 1997. Pp. 85-110
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y estratégia socialista. Hacia una radicalización de la democracia. Madri: Siglo XXI, 1987.
- MALZACHER, Florian. Truth is Concrete. A handbook for artistic strategies in real politics. Berlim: Sternberg Press, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- ŽIŽEK, Slavoj. En defensa de la intolerancia. Madrid: Sequitur, 2007.